

# CINDERELA(S): RUPTURAS E RESISTÊNCIAS NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

Níncia Cecília Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** A decolonização do conto de Cinderela envolve uma revisão crítica da narrativa tradicional para dismantelar as estruturas coloniais presentes no conto. Este processo inclui a análise da representação cultural, das relações de poder e dos papéis de gênero perpetuados pelo conto. A Cinderela, como figura central, é frequentemente retratada como submissa e dependente de uma figura masculina para alcançar a felicidade. Este estereótipo é reforçado pela presença de uma madrasta má e de irmãs invejosas, que simbolizam a vilanização de personagens femininas rivais. A pesquisa propõe uma reinterpretação que valorize a diversidade cultural e desafie os papéis de gênero tradicionais. A releitura de Cinderela sob uma perspectiva decolonial também permite a inclusão de elementos culturais de diferentes tradições, enriquecendo a narrativa e promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa.

**Palavras-Chave:** contos de fadas, Cinderela, estudos decoloniais.

## CINDERELLA(S): RUPTURES AND RESISTANCE IN CONTEMPORARY NARRATIVES

**Abstract:** Decolonizing the Cinderella tale involves a critical review of the traditional narrative to dismantle the colonial structures present in the tale. This process includes the analysis of cultural representation, power relations and gender roles perpetuated by the story. Cinderella, as the central figure, is often portrayed as submissive and dependent on a male figure to achieve happiness. This stereotype is reinforced by the presence of an evil stepmother and jealous sisters, who symbolize the villainization of rival female characters. The research proposes a reinterpretation that values cultural diversity and challenges traditional gender roles. Rereading Cinderella from a decolonial perspective also allows the inclusion of cultural elements from different traditions, enriching the narrative and promoting a more inclusive and equitable vision.

**Keywords:** fairy tales, Cinderella, decolonial studies.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil(2005)  
Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: [ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br](mailto:ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br)

## Era uma vez...

Os contos de fadas têm suas origens enraizadas na tradição oral, em que histórias eram contadas e recontadas ao longo de gerações. Essas narrativas surgiram em várias culturas ao redor do mundo, muitas vezes com elementos mágicos e personagens arquetípicos, como heróis, vilões, bruxas, fadas e criaturas fantásticas. Inicialmente, não eram histórias voltadas exclusivamente para o público infantil, mas sim para todas as idades, oferecendo lições morais e entretenimento. Para Andrade e Marques (2024), muitos contos são passados de geração em geração, mantendo sentidos estáveis na narrativa. Porém, essas histórias podem não refletir a realidade de seu principal público-alvo. Devido a fatores sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos, surge a necessidade de adaptações. Assim, essas histórias podem ser modificadas para manter, reconfigurar ou ajustar os sentidos durante a leitura.

Na Europa, durante a Idade Média e o Renascimento, esses contos começaram a ser escritos e coletados por estudiosos e escritores. Charles Perrault, um escritor francês do século XVII, foi um dos primeiros a popularizar os contos de fadas na forma escrita. Ele publicou uma coleção de histórias que incluía *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida*. No século XIX, os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, seguiram essa tradição, coletando e publicando contos populares alemães, como *Branca de Neve* e *Rapunzel*. Suas histórias, muitas vezes sombrias e violentas, foram posteriormente suavizadas e adaptadas para o público infantil.

No século XX, o cinema e a televisão desempenharam um papel crucial na disseminação e popularização dessas histórias. Walt Disney, em particular, foi responsável por transformar muitos contos de fadas em filmes de animação clássicos, que se tornaram parte integrante da cultura popular. Na contemporaneidade, os contos de fadas continuam a evoluir e a encontrar novas formas de expressão. Autores

e cineastas contemporâneos exploram esses temas tradicionais com abordagens inovadoras e subversivas, muitas vezes questionando e reinterpretando os papéis de gênero, poder e moralidade.

Bruno Bettelheim, em seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1976), aponta que os contos ajudam as crianças a lidar com medos e conflitos internos, oferecendo soluções simbólicas para problemas emocionais. A presença de temas como a separação dos pais, a rivalidade entre irmãos e a busca pela identidade reforça a relevância psicológica dessas narrativas:

Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. Se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade. ( Bettelheim, 2007, p.27)

A pesquisa se centrará na análise da ressignificação da representação da personagem Cinderela, com foco nas concepções de decolonialidade. Para isso, serão utilizados, como aportes teóricos, estudos direcionados aos Estudos Culturais e Decolonialidade. A análise visa identificar tanto as relações entre a versão clássica e as versões contemporâneas, quanto os distanciamentos resultantes de elementos excluídos ou acrescentados na narrativa. Esses movimentos decoloniais buscam possibilitar novas formas de protagonismo, potência e identificação da personagem em outras mídias.

O decolonialismo é uma corrente teórica que busca desmantelar os legados do colonialismo e explorar a forma como as estruturas coloniais continuam a afetar as sociedades contemporâneas. O termo decolonialismo — ou decolonialidade — significa o conjunto de práticas, conceitos, pesquisas e estudos que tentam diminuir, e até reverter, os efeitos da

colonização nas sociedades em que este processo histórico ocorreu.

Walter D. Mignolo e Aníbal Quijano são figuras centrais na construção do pensamento decolonial desde o final dos anos 1990. Apesar da colonialidade já ter sido abordada por pensadores como Angela Davis e bell hooks. Mignolo e Quijano, em diálogo com o Grupo de Estudos Subalternos do Sul da Ásia, a respeito da constituição do pensamento ocidental. Segundo Alexandre Barbosa (2024), o decolonialismo é diferente de descolonização. Enquanto a descolonização se refere às lutas das colônias africanas, asiáticas e latino-americanas para se tornarem independentes das respectivas metrópoles, o decolonialismo tem como princípio que a independência política não acabou com instituições, hábitos e práticas coloniais. A teoria examina as narrativas e práticas que perpetuam a dominação cultural, econômica e política dos países e povos colonizados, questionando a supremacia do conhecimento ocidental e valorizando as epistemologias locais e indígenas, propondo uma pluralidade de saberes.

Vera Lucia Barbosa (2023) destaca o embate ético-político-epistemológico trazido pelo pensamento decolonial: o de edificar uma nova geopolítica do conhecimento, de onde se questione a crença iluminista na transparência da linguagem e busque inserir uma perspectiva nova e libertadora, tanto no campo discursivo como na esfera da ação.

No campo dos estudos de gênero, a teoria decolonial adiciona uma camada crítica ao analisar como as relações de gênero foram moldadas e continuam a ser influenciadas pelas práticas coloniais. Durante o período colonial, as normas de gênero ocidentais foram impostas às sociedades colonizadas, frequentemente suprimindo ou transformando as identidades e relações de gênero locais. A partir de uma perspectiva decolonial, é crucial reconhecer e valorizar as diversas expressões de gênero existentes nas culturas indígenas e colonizadas,

que muitas vezes oferecem alternativas às normas de gênero binárias ocidentais.

O pensamento da filósofa argentina María Lugones é uma proposta epistemológica decolonial que enfatiza a interseccionalidade em suas análises. De acordo com Guilherme Carvalho (2023), Lugones propõe uma teoria interseccional para examinar o sistema moderno/colonial, criticando a separação entre as categorizações de raça, classe, sexualidade e gênero. Ela argumenta que a relação interseccional entre essas categorias se reflete no cotidiano das sociedades. Com o conceito de colonialidade de gênero, conforme Carvalho (2023), pretende-se enfatizar a interseccionalidade entre as categorias raça, gênero, sexualidade e classe. No “sistema de poder capitalista global”, a colonialidade de gênero “permanece na intersecção de gênero/classe/raça [...]” (Lugones, 2014, p. 939). Desse modo, o feminismo decolonial de Lugones evidencia as resistências às relações de poder, teorizando as coalizões que buscam resistir às múltiplas opressões.

O diálogo entre decolonialismo e estudos de gênero revela a importância de descolonizar tanto as práticas quanto as teorias de gênero. Isso inclui repensar as políticas de gênero e sexualidade de maneira a considerar as experiências e vozes de pessoas marginalizadas pelo colonialismo. A interseccionalidade, que analisa como diferentes sistemas de opressão se sobrepõem e interagem, é uma ferramenta essencial nesse processo, permitindo uma compreensão mais abrangente das formas de desigualdade e resistência.

Nos contos de fadas, de acordo com Propp (2006) o herói passa por uma prova cumprindo tarefas difíceis, a princesa passa a ser a representação de um prêmio, o objeto a ser recebido pelo homem forte e corajoso. Dessa forma, mantém-se o padrão de submissão feminina atrelado ao padrão de beleza ideal. Muitos contos, para Para Batista (2011), denotam séculos de cultura patriarcal e mostram pouco respeito pelas mulheres, que passam

a ser elementos decorativos nas narrativas perpetuando o discurso do patriarcado.

Em relação às desigualdades de gênero, Saffioti (1987) argumenta que a identidade de homens e mulheres é fruto de construção social. À mulher é destinado o papel de socialização e cuidados com os filhos e o lar. Para ela: “A sociedade investe fortemente na naturalização deste processo, fazendo crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher deriva de sua capacidade de ser mãe” (Saffioti, 1987, p. 9). Para serem consideradas femininas, precisam ser passivas. Todo o ambiente que as cerca - família, amigas, professoras, brincadeiras, atividades domésticas, literatura, roupas, acessórios e comportamento - contribui para que elas compreendam o papel que devem assumir na sociedade e como devem agir.

### **Cinderela(s) : Rupturas e Resistência**

Para Jorge e Silva (2015), os contos de fadas, os mitos e as histórias proporcionam uma compreensão que aguça nosso olhar para que possamos escolher o caminho deixado pela natureza, aponta, ainda, que eles foram com o tempo sendo deturpados para servir aos interesses da classe dominante. Pachá (2013) apud Jorge e Silva (2015) tece crítica ao processo de trabalho nas histórias de princesas da Walt Disney, que segundo ele, faz apologia à subalternidade da mulher, ou seja, a maioria das personagens desses contos desempenha alguma atividade doméstica nas histórias reproduzindo, dessa forma, o papel que a mulher deve desempenhar na sociedade. A função feminina usual nessas histórias é ser objeto decorativo.

A história de Cinderela revela uma série de dinâmicas que perpetuam estereótipos de gênero e reforçam papéis tradicionais para mulheres. A narrativa centraliza-se em Cinderela, uma jovem órfã que, apesar de sofrer abusos e exploração doméstica nas mãos de sua madrasta e suas meias-irmãs, mantém uma atitude passiva e submissa. Este comportamento é amplamente

aceito e até incentivado dentro do contexto da sociedade patriarcal em que ela vive.

Sob a ótica da teoria decolonial de Maria Lugones (2014), a história também pode ser vista como uma metáfora para a colonialidade de gênero. Esse sistema está centrado em uma estrutura binária e hierárquica, na qual o patriarcado institui práticas de opressão e a heterossexualidade se caracteriza como modelo de organização da vida. Por sua vez, a epistemologia feminista branca desconsiderou a intersecção entre “raça” e gênero, em suas teorias. Dessa forma, a colonialidade de gênero é uma forma de opressão que se sobrepõe às outras formas de opressão, como raça e classe, criando uma complexa rede de desigualdades. Assim como Cinderela é confinada a papéis tradicionais e subservientes, as mulheres nas sociedades colonizadas foram frequentemente relegadas a posições subalternas e exploradas, tanto por razões de gênero quanto de raça.

A personagem de Cinderela representa o arquétipo da feminilidade tradicional: paciência, humildade e a capacidade de suportar adversidades em silêncio. Mesmo enfrentando condições de trabalho árduo e opressão, ela se mantém gentil e sonhadora, qualidades consideradas ideais para uma mulher em uma sociedade que valoriza a docilidade feminina. A interseccionalidade, um conceito central na obra de Lugones, nos ajuda a entender como diferentes formas de opressão se entrelaçam e se reforçam mutuamente. No caso de Cinderela, sua opressão não é apenas de gênero, mas também de classe, pois ela é tratada como serva por sua família. Lugones (2014) argumenta que o “sistema moderno colonial de gênero é associado às formas de colonialidade do saber, do poder e do ser, no contexto pós-colonial. Há uma intersecção entre as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade.” (Lugones, p. 186, 2007.).

A transformação de Cinderela é facilitada por uma figura mágica, a Fada Madrinha, que surge como um agente externo de mudança.

Esse elemento mágico pode ser interpretado como uma metáfora para a falta de poder real que a protagonista tem sobre sua própria vida e destino. Sua ascensão social e o final feliz dependem inteiramente da intervenção externa e da aceitação por parte de um homem poderoso – o príncipe

O casamento com o príncipe sugere que o valor da mulher está intrinsecamente ligado ao seu sucesso em encontrar e conquistar um marido. Cinderela, assim, alcança a felicidade e a aceitação social, não por seus próprios méritos ou pela superação dos desafios impostos pela madrasta, mas através da aprovação e do amor de um homem, reforçando a ideia de que a realização feminina está diretamente atrelada à vida conjugal. A narrativa, portanto, que reflete e reforça normas de gênero tradicionais, promovendo a passividade e a submissão feminina enquanto idealiza a validação masculina como o caminho principal para a felicidade e o sucesso pessoal.

Numa versão decolonizada, Cinderela não é uma jovem passiva que aceita sua condição de servidão e aguarda ser resgatada por um príncipe. Em vez disso, Cinderela é retratada como uma personagem resiliente e proativa, que busca maneiras de transformar sua própria vida e superar as injustiças que enfrenta.

**Figura 1**



Disponível em: <https://www.instagram.com/nanaths/?hl=pt-br>

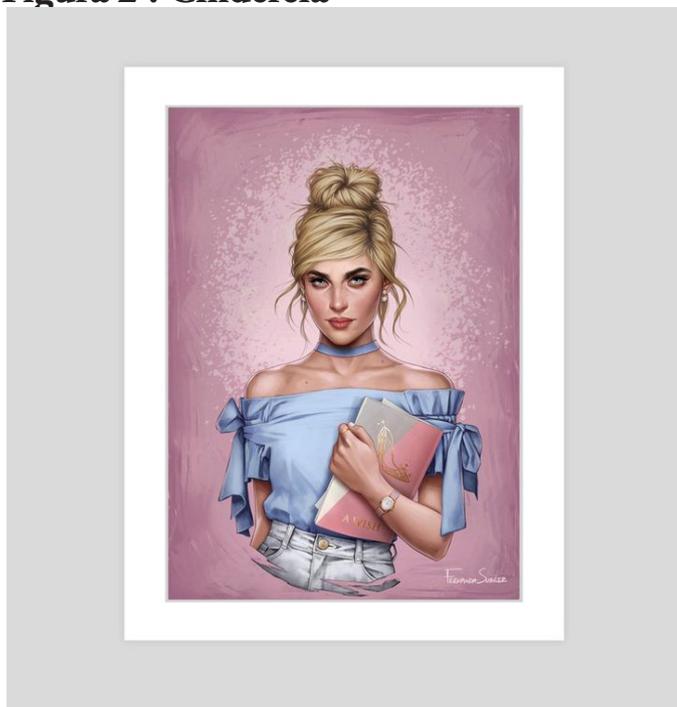
A ilustradora Nath Araújo recria a figura da Cinderela como uma jovem empresária que é proprietária de uma luxuosa marca de sapatos e vestidos e que destina parte da renda ao combate da escravidão e trabalho infantil. Apesar da imposição de relações de poder pelo sistema moderno/colonial, Lugones (2014) refere-se às resistências e as iniciativas de coalizão para a luta contra a opressão, no caso de Cinderela empresária de Araújo, ao destinar renda aos grupos oprimidos, ocorre uma ruptura no padrão hegemônico de poder. O sapato, que tradicionalmente representa a transformação mágica e o encontro com o príncipe, aqui simboliza o sucesso financeiro e profissional da personagem. Ela o usa como telefone, indicando que está ocupada com negócios e poder de decisão. O texto no Balão de Fala: “Ocupada ficando rica” desconstrói a narrativa tradicional de Cinderela como uma jovem que depende do príncipe para mudar de vida. Aqui, ela está focada em seu trabalho e riqueza por mérito próprio. Na perspectiva decolonial de Lugones (2014), enfatiza-se a importância da ideia de coalizão como uma forma de contraposição e resistência às múltiplas opressões:

a lógica da resistência caracterizada por movimentos complexos que levam indivíduos e grupos sociais a serem oprimidos por sistemas de poder e a resistirem à opressão. Mesmo considerando o sistema global de poder do capitalismo, é preciso “pensar o processo sendo continuamente resistido e resistindo até hoje” (Lugones, 2014, p. 942).

Enquanto o colonialismo consiste na dominação e na exploração por meio do controle administrativo dos modos de produção e do trabalho em um local onde vivem grupos étnicos de diferentes identidades culturais, realizadas por uma autoridade política situada em uma outra jurisdição, a colonialidade do poder é um fenômeno que se estende para além do período colonial. Esse fenômeno envolve

relações complexas de poder nas dimensões ontológicas, epistemológicas, sociais, políticas e econômicas (Quijano, 1992). Na ilustração, Cinderela em vez de esperar passivamente pela ajuda de uma fada madrinha, desafia as normas do poder ligado ao gênero ao se envolver em atividades tradicionalmente reservadas aos homens, mostrando que competência e coragem não são exclusivas de um gênero específico. Ela utiliza sua inteligência e habilidades para criar oportunidades para si mesma, seja empreendendo ou se engajando em atividades que promovem justiça social.

## Figura 2 : Cinderela



Disponível em: <https://fernandasuarez.artstation.com/projects/P1mlZ>

Fernanda Suarez é ilustradora mora em Santiago, Chile. Desenvolve projetos de jogos de tabuleiro, ilustrações, tutoriais, capas de livros. Seu trabalho busca criar um vínculo com o espectador, ao criar personagens que pareçam pessoas reais. Assim, ela desenvolveu versões de personagens conhecidas dos contos de fadas, em que ela traz personagens para o mundo moderno e imagina como estes seriam se fossem pessoas normais hoje em dia.

Na releitura de Suarez, Cinderela é representada como uma mulher moderna e

sofisticada, que carrega consigo os símbolos de seu conto de fadas, mas com uma estética atualizada e independente. Essa transformação pode ser interpretada como uma peregrinação entre mundos: o mundo tradicional dos contos de fadas, onde ela era uma figura passiva à espera de um príncipe, e o mundo contemporâneo, onde ela assume o controle de seu próprio destino.

No conto clássico, Cinderela vive em um mundo opressivo, dominado por uma madrasta e irmãs que a subjagam. Ela é uma figura marginalizada, cuja única esperança de libertação está em um príncipe e em um casamento. Na releitura, Cinderela peregrina para um novo mundo, onde ela se torna uma figura ativa, confiante e determinada. O livro que ela segura, intitulado *A Wish* (Um Desejo), simboliza sua agência. A agência, nesse contexto, não é apenas a capacidade de tomar decisões individuais, mas também de desafiar e reconfigurar as normas, saberes e práticas impostas pelos sistemas coloniais e patriarcais. e sua capacidade de transformar sua vida por meio de seus próprios desejos e ações.

A teoria de Lugones (2014) destaca a desobediência epistêmica como uma forma de resistência. Na releitura de Suarez, Cinderela desafia as normas do conto de fadas tradicional, nas quais a felicidade da heroína depende de um homem. Em vez disso, ela se reinventa como uma mulher independente, que equilibra delicadeza e força. O penteado elegante, os acessórios refinados e a postura confiante refletem uma nova identidade, construída a partir de sua própria agência.

Lugones (2014) também enfatiza a importância de criar comunidades de resistência. Na releitura, Cinderela pode ser vista como uma figura que inspira outras mulheres a seguirem seus próprios caminhos. Sua transformação em uma influencer contemporânea sugere que ela não apenas sobreviveu ao mundo opressivo do conto de fadas, mas também se tornou uma referência de empoderamento para outras mulheres.

Os elementos visuais da releitura, como o tom azul predominante, o choker e o relógio dourado, são mais do que meros acessórios de moda. Eles representam a peregrinação de Cinderela entre mundos: o azul remete ao vestido icônico do baile, mas também evoca a ideia de liberdade e infinito, simbolizando suas novas possibilidades. O choker e o relógio são símbolos de sofisticação e autonomia, mostrando que ela não é mais uma figura passiva, mas alguém que controla seu próprio tempo e destino.

A releitura de Cinderela feita por Suarez revela uma personagem que transcende seu conto de fadas original. Ela não é mais uma figura à espera de resgate, mas uma mulher que peregrina entre mundos, desafiando normas opressivas e reinventando-se como uma figura empoderada e independente. Essa transformação reflete a capacidade de resistência e criação de novos significados, características centrais da teoria de Lugones. Assim, Cinderela se torna um símbolo não apenas de desejo e magia, mas também de agência e liberdade.

### **E não durou para sempre...**

A análise da decolonização do conto de fadas Cinderela revela como essa narrativa, originalmente enraizada em valores eurocêntricos e patriarcais, pode ser ressignificada para refletir perspectivas mais diversas, inclusivas e críticas em relação às estruturas de poder que perpetuam desigualdades. A desconstrução dos elementos tradicionais da história – como a passividade da protagonista, a valorização da nobreza e o papel do príncipe como salvador – permite que novas versões emergentes enfatizem a autonomia feminina, a diversidade cultural e a justiça social, abrindo espaço para narrativas que desafiam as hierarquias coloniais e de gênero.

Ao longo do tempo, releituras de Cinderela têm demonstrado como essa narrativa pode ser recontada a partir de olhares plurais, incorporando protagonismos historicamente marginalizados. Seja por meio de representações multiculturais,

revisões feministas que subvertem a estrutura clássica do conto, a decolonização dessa história contribui para um imaginário coletivo mais inclusivo e representativo. Assim, a passividade original da protagonista é substituída por ações efetivas, em vez de esperar por um salvador, a Cinderela decolonizada assume o controle de sua própria vida, tomando decisões ativas e buscando sua autonomia.

Nas releituras de Araújo e Suarez a ideia de que a felicidade e o sucesso estão ligados à ascensão social e à nobreza é substituída por uma valorização da diversidade de trajetórias e da justiça social. Além disso, o príncipe deixa de ser a figura central da narrativa, e o foco passa a ser a autoafirmação e a solidariedade entre mulheres e comunidades marginalizadas.

Dessa forma, a reinterpretação de Cinderela não apenas desafia padrões impostos pelo colonialismo cultural, mas também amplia o potencial transformador dos contos de fadas, permitindo que novas gerações se reconheçam nessas narrativas e se inspirem em modelos de protagonismo diversos e emancipatórios.

### **Referências**

- ANDRADE, Nadine e MARQUES, Juliene. *Conto de fadas em (re)construção: veredas decoloniais e polissêmicas na literatura infantil*. Zero a Seis. (jan/jun 2024). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/95691>. Acesso em janeiro de 2025.
- BARBOSA, Alexandre. *O que é decolonialismo*. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/en/node/3959#:~:text=O%20termo%20decolonialismo%20%E2%80%94%20ou%20decolonialidade,que%20este%20processo%20hist%C3%B3rico%20>. Acesso em fevereiro de 2025.
- BATISTA, Edilene Ribeiro. *Cinderela sob a perspectiva de gênero*. Interdisciplinar. V.13, jan-jun de 2011.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. São Paulo, Paz e Terra, 1976.

CARVALHO, Guilherme Paiva de. *O feminismo decolonial de María Lugones: colonialidade, gênero e interseccionalidade*. Revista Tomo, São Cristóvão, v. 42, e17757, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17757>. Acesso em fevereiro de 2025.

JORGE, Simone Aparecida; SILVA, Rosana Alves de Sousa. *A reprodução das desigualdades de gênero e raça nos contos de fadas*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-reproducao-das-desigualdades-de-genero-e-raca-nos-contos-de-fadas/>. Acesso em janeiro de 2025.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3), 320, 2014.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y Modernidad/ Racionalidad*. In: *Perú Indígena*, 13(9), 1992, p. 11-20.

**Submissão: fevereiro de 2025**

**Aceite: abril de 2025.**